

A CERÂMICA DOS CERRITOS NO PONTAL DA BARRA – PELOTAS/RS: POR UMA (NECESSÁRIA) REVISÃO CONCEITUAL DA TRADIÇÃO VIEIRA

BRUNO LEONARDO RICARDO RIBEIRO
RAFAEL GUEDES MILHEIRA

RESUMO

“Cerritos de índio”, ou “Aterros dos campos do sul” são as denominações correntes de uma manifestação cultural arqueológica específica do bioma pampa sul-americano. São sítios arqueológicos monticulares compostos predominantemente por sedimentos, vestígios arqueofaunísticos, arqueobotânicos, líticos, sepultamentos humanos e materiais cerâmicos arqueológicos, que ocorrem desde aproximadamente 5000 até 200 anos A.P.. A indústria cerâmica dos cerritos foi caracterizada como tradição Vieira, sendo entendida como diagnóstica da homogeneidade e simplicidade cultural das populações indígenas “marginais” que habitaram e construíram os montículos no Pampa. Neste artigo, através da análise de coleções cerâmicas oriundas de cerritos localizados no banhado do Pontal da

Barra, localizado no estuário da laguna dos Patos, município de Pelotas-RS, problematizaremos a definição da tradição Vieira e tentaremos demonstrar que, apesar da grande reoxigenação teórica que tem impulsionado a “arqueologia cerriteira” em novas direções ao longo das últimas décadas, pouco foi alcançado no que diz respeito a uma atualização ou redefinição conceitual e tecnológica destes vestígios cerâmicos arqueológicos. Demonstraremos também que, para os materiais cerâmicos do contexto arqueológico do Pontal da Barra, a lógica da homogeneidade e simplicidade tecnológica da tradição Vieira é inadequada e necessita de implementos descritivos mais substanciais, principalmente no que diz respeito às técnicas e tecnologias de produção.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia Pré-Colonial; cerritos de índio; tradição Vieira; tecnologia cerâmica; Laguna dos Patos;

THE ARCHAEOLOGICAL POTTERY FROM CERRITOS IN THE PONTAL DA BARRA – PELOTAS/RS: FOR A (NECESSARY) CONCEPTUAL UPDATE OF THE VIEIRA TRADITION

ABSTRACT

“Cerritos de Índio” or “Earthen Mounds” are the common denomination for a cultural phenomenon specific of the south-American “pampa” biome. They are archaeological mound sites mainly composed by sediments, archaeofaunistic and archaeobotanic remains, archaeological human burials, lithic artifacts and pottery materials, dating from approximately 5.000 to 200 years B.P.. The pottery craft of the Cerritos was characterized as Vieira tradition, understood as a diagnostic of the homogeneity and cultural simplicity of the “marginal” indigenous populations that inhabited the pampa and constructed those earthen mounds. In this article, through the analysis of ceramic collections originated in Cerritos located at the Pontal da Barra swamp, in the estuary of the Patos lagoon (Pelotas city, Brazil), we will scrutinize the definition of Vieira tradition and try to demonstrate that despite the significant theoretical turns verified in the archaeological studies about Cerritos throughout the last decades, little has been achieved in the regards of a conceptual and technological update or redefinition of these archaeological ceramic objects. We will also demonstrate that for the ceramic materials of the Pontal da Barra archaeological context the Vieira tradition homogeneity and technological simplicity logic is inadequate and urges for more substantial descriptive improvement, especially with regards to production techniques and technologies.

KEYWORDS

Pre-Colonial Archaeology; earthen mounds; Vieira tradition; pottery tecnologia; Patos Lagoon;

SOBRE OS AUTORES

BRUNO LEONARDO RICARDO RIBEIRO

Graduando do curso de Bacharelado em Antropologia com linha de formação em Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista Pibic-CNPq do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – (LEPAARQ/UFPe).

Contato: brunoleo.ribeiro@gmail.com.

RAFAEL GUEDES MILHEIRA

Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Professor do Programa de Pós-graduação em Patrimônio

Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPeI)
Contato: milheirarafeal@gmail.com.

SUBMETIDO EM
Outubro 2015.

APROVADO EM
Novembro 2015.

Cerritos de Índio ou Aterros é a denominação corrente dos aterros e montículos antrópicos característicos de uma manifestação cultural referente à ocupação de grupos indígenas pampeanos, verificada ao longo de um grande polígono que envolve praticamente todo o território uruguaio, o sul do estado do Rio Grande do Sul e a província de Entre-Ríos na Argentina (Cabrera Pérez 2013; Iriarte 2007; Schmitz 2011[1976]; Bonomo *et al.* 2011). Os cerritos são descritos como acúmulos antrópicos de terra, de dimensões variadas e formas, em sua maioria, simples e geométricas, majoritariamente circulares e/ou elipsoides. Foram verificados tanto de maneira isolada quanto em pequenos agrupamentos (compostos por dois ou três cerritos, por exemplo), até grandes complexos compostos por dezenas de cerritos, geralmente associados a ambientes alagadiços (Iriarte *et al.* 2001; Gianotti *et al.* 2008).

Trata-se de estruturas arqueológicas que datam entre 5000 e 200 anos A.P.. São interpretadas arqueologicamente de distintas maneiras, desde plataformas em terra erguidas involuntariamente, resultado de longos ciclos de ocupações curtas e sucessivas em ambientes charcosos (Schmitz 2011[1976]); plataformas erguidas intencionalmente para servirem como áreas de moradia (Bracco *et al.* 2008; Iriarte 2006); como estruturas construídas para sepultamento dos mortos e demarcadores territoriais constitutivos de uma paisagem historicamente constituída e idealmente planejada (Bracco *et al.* 2000; Gianotti 2000; Criado-Boado *et al.* 2006; Lopez Mazz e Bracco 2010; Bonomo *et al.* 2011); e ainda, como montes para o cultivo de botânicos (Gianotti *et al.* 2013) e espaços multi-funcionais, onde variadas atividades de ordem funcional e simbólica seriam operadas ao longo do tempo (Villagran e Gianotti 2013).

Os cerritos foram observados como indicadores de sociedades de caçadores-coletores simples, pouco desenvolvidos, culturalmente homogêneos, de alta mobilidade territorial e dependentes dos recursos ambientais, conforme o modelo das “sociedades marginais” concretizado no *Handbook of South American Indians* (Steward 1946; Schmitz 2011[1976]). Essa visão da simplicidade e homogeneidade cultural sobre os cerritos somente foi revisada nos anos 1990, quando, através de abordagens sistêmicas e materialistas passaram a ser compreendidos como monumentais obras de engenharia que apontam, por sua vez, a modos de vida de alta complexidade, envolvendo desde pequenas aldeias a verdadeiros complexos aldeões (Bonomo *et al.* 2011).

Sob a ótica da simplicidade toda a tecnologia dos grupos construtores de cerritos foi interpretada. Cerâmicas, instrumentos líticos e instrumentos em ossos animais foram o suporte, além dos cerritos em si, para demonstrar a homogeneidade

e baixa complexidade cultural das sociedades indígenas pampeanas. As coleções cerâmicas receberam especial atenção, sendo o principal material diagnóstico que permitiu classificar culturalmente os cerriteiros, de modo que o termo “tradição Vieira” foi elaborado a fim de integralizar as características cerâmicas no tempo e no espaço, seguindo a cartilha pronapiana (Schmitz 2011[1976], Mentz Ribeiro 1977). No entanto, se vimos uma reoxigenação teórica que transformou o cenário interpretativo sobre esses grupos sob a ótica da complexidade, cujos principais suportes foram as estruturas em terra em si¹, as tecnologias nunca foram revisadas, sendo a leitura da simplicidade ainda hoje reproduzida.

Cabe, portanto, uma nova mirada sobre essas tecnologias e é esse o objetivo desse artigo. Partindo de uma abordagem historicista, buscaremos entender como o tema da tradição Vieira foi cunhado e reproduzido. No sentido de problematizar a homogeneidade tecnológica cerâmica dos grupos construtores de cerritos, partiremos a um estudo de caso que vem sendo realizado sobre três coleções cerâmicas escavadas no contexto do banhado do Pontal da Barra, onde foram localizados 18 cerritos no estuário da laguna dos Patos, município de Pelotas-RS.

2 - A TRADIÇÃO VIEIRA NO TEMPO (E NO ESPAÇO)

A tradição Vieira foi estabelecida seguindo a cartilha de seriação estilística, tipologia e cronologia para culturas e tecnologias de James Ford, enfaticamente disseminada no Brasil durante as décadas de 1960-70 pelos pesquisadores norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, através do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), em cuja principal obra de análise de cerâmica, intitulada “Como interpretar a linguagem da cerâmica. Manual para arqueólogos” podem ser observados os critérios de classificação tecnológica e definição de fases e tradições culturais (Meggers e Evans 1970). Comumente, a “tradição Vieira” é caracterizada como uma indústria cerâmica “simples” e “homogênea”, produto de uma “*Sociedade Marginal*” (Steward 1946), de baixo esmero, sem grandes investimentos decorativos, produzida por artesãos(ãs) de pouca habilidade e de caráter estritamente utilitário; coleções tão escassas e tão fragmentadas que não permitiriam estudos muito aprofundados. Essa é, inclusive, a visão de alguns especialistas que se debruçaram sobre os conjuntos cerâmicos dos cerritos, e algo amplamente divulgado através do modelo “clássico” publicado na tese de Livre docência de Pedro Ignácio Schmitz, intitulada “Sítios de pesca lacustre em Rio Grande/RS” (Sch-

1 Ver uma síntese sobre as dinâmicas de construção dos cerritos e seu impacto na arqueologia dos cerritos em Bracco *et al.* (2008).

mitz 2011[1976]). Nessa obra e em seus estudos referentes a cerritos localizados na região dos municípios de Santa Vitória do Palmar e São José do Norte (Naue *et al.* 1968) e no vale do Rio Camaquã (Schmitz *et al.* 1969) até suas publicações mais recentes, as contribuições deste pesquisador e seus colaboradores são de valia incomensurável e foram extremamente importantes para o princípio das pesquisas arqueológicas sobre este fenômeno arqueológico.

Operando a partir do paradigma histórico-culturalista, P. I. Schmitz estabeleceu as primeiras datações radiocarbônicas associadas a estas ocupações na história da disciplina arqueológica brasileira, verificando uma antiguidade que alcança 2.500 anos A.P. para ocupações presentes na região do estuário da Laguna dos Patos (Schmitz 2011 [1976]). Também foi responsável por algumas das primeiras caracterizações e descrições dos materiais arqueológicos cerâmicos, identificados em associação aos “aterros dos campos do sul”. A cerâmica, em sua ótica, é entendida como o principal vestígio cultural dessa sociedade e um indicador dos estágios evolutivos da tradição Vieira. No que interessa a este artigo, foi a partir de seus trabalhos que a tradição cerâmica Vieira foi devidamente caracterizada, com um esboço de suas distribuições e peculiaridades espaciais e, posteriormente, promulgada.

A tradição Vieira² seria composta por vasilhames pequenos a medianos, pouco profundos, elaborados por roletes, de contornos simples e pasta constituída por elementos antiplásticos minerais; vasilhas em sua grande maioria sem indícios de maior dedicação aos acabamentos de superfície e poucos motivos decorados, plásticos ou pintados. O uso exacerbado das vasilhas é uma constante e o que chama a atenção em suas caracterizações dos vestígios cerâmicos estudados é a recorrência de uma associação entre a cerâmica Vieira e uma presumida simplicidade ou falta de habilidade técnica de confecção:

“O método de produção é o acordelado. O antiplástico é de areia ou areião, proveniente da decomposição do granito, as vezes hematita[...]A textura às vezes é muito compacta e firme, com o material bem distribuído, às vezes é bem friável, frouxa e porosa, desfazendo-se os cacos superficialmente ou por camadas[...]às vezes os roletes estão mal juntados, ficando vãos entre eles[...]A queima é de mediana a ruim; às vezes boa[...]O tratamento de superfície também é variado: encontramos alisamento bom em ambas as faces nos cacos escuros; nos demais o alisamento é muito mal feito na superfície externa, às vezes também na interna ” (Schmitz *et al.* 1969: 511).

2 A tradição Vieira seria definida a partir de três fases: fase Lagoa (não ceramista), fase Torotama e fase Vieira. A fase Torotama seria o segundo nível dos sítios que já apresentava a produção de cerâmica, uma mais “simples”, chamada também de cerâmica “primitiva”; a fase mais recente, a Vieira, estima-se que se estendeu até mais ou menos o século XVIII, e é a fase em que “a cerâmica já é bem elaborada” (Schmitz *et al.* 2006: 108).

“A terceira tradição [Vieira] é a dos aterros nos terrenos alagadiços do pampa gaúcho e uruguaio, com cerâmica também escurecida, painéis baixas de paredes levemente curvas, bases quase planas, superfície grosseiramente alisadas...” (Schmitz 1968: 459).

A simplicidade verificada nas técnicas de produção e nas formas das cerâmicas da fase Torotama, por exemplo, assim como a manutenção de certas características por longo período temporal, seriam reflexo de uma sociedade dotada de um sistema cultural simplista e estático. Sob a ótica da difusão cultural, P. I. Schmitz associa ao contato com os grupos Guarani (por ele entendidos, em todos os sentidos, como “superiores” aos grupos cerriteiros, inclusive, demograficamente), não só uma intensificação da horticultura na região como também certo grau de “refinamento” na produção cerâmica da fase Vieira, ressaltando que após este contato teriam surgido, inclusive, novos padrões decorativos dentre estas cerâmicas.

Em algumas passagens de seus muitos trabalhos voltados ao estudo de cerritos, podemos ver não apenas como o autor deixa claro sua pressuposição de que os Guarani – já dominantes da horticultura e de organização social e padrões de assentamento bem diferenciados em relação aos grupos cerriteiros – mantiveram contato e exerceram influência direta sobre os produtores da cerâmica Vieira, como também subentende-se que, em sua visão, um processo de *aculturação* teria ocorrido durante este contato interétnico:

“Este grupo [guarani] parece ter mantido contato com os habitantes dos cerritos, de preferência em tempos recentes, como indica a cerâmica superficial dos cerritos, que é parcialmente escovada, parcialmente corrugada e ungulada, engobada de vermelho e simples, ao lado de uma cinza-escura de granulação mais fina, que é característica dos cerritos [...] *a cerâmica simples grossa, mal alisada e friável poderia ser uma imitação pelo homem do banhado de cerâmicas estranhas, de preferência das tupi-guaranis*” (Schmitz et al. 1969: 523 – grifo nosso).

“As duas tradições são perfeitamente distintas, apresentando a guarani, além de suas formas típicas, antiplásticos de areia fina em pequena quantidade. *O estudo do material sugere não apenas a justaposição das duas tradições, mas o seu contato, manifestado na mistura do material e na fusão eventual de elementos das duas tradições na fabricação da cerâmica*” (Naue et al. 1968: 459 – grifo nosso).

“A cerâmica mais grosseira também encontra similares em cerritos e sítios erodidos de Rio Grande e São José do Norte *e talvez possa ser interpretada como uma imitação mal feita da cerâmica guarani, que chegou a conhecer*” (Schmitz et al. 1969: 515 – grifo nosso).

Após os estudos de Schmitz, muito pouco se produziu no Brasil sobre os Cerritos e a tradição Vieira. Por outro lado, a década de 1980 assistiu a um *boom* dos

estudos cerriteiros no Uruguai, impulsionados por uma reoxigenação teórica motivada, inicialmente, pelo processualismo e seus estudos de caráter sistêmico, voltados a análises de padrões de assentamento e, posteriormente, à escola pós-processual e à arqueologia da paisagem. Com a proposta “holística” dos estudos uruguaios (ver, por exemplo, Bracco *et al.* 2000; Gianotti 2000; Lopez Mazz e Bracco 2010; Iriarte 2006; Gianotti *et al.* 2008), que não mais se pautavam pela observação e análise da cultura material de cerritos isolados, mas que considerava sua inserção na paisagem e sua relação com outros cerritos presentes na região, uma nova mirada teórica sobre o fenômeno dos cerritos foi alcançada. Nesse sentido, a interpretação empobrecedora destes grupos como bandos de alta mobilidade e baixos recursos tecnológicos foi abandonada (agora entendidos não mais como sociedades marginais, ao contrário, como grandes engenheiros de terra), dando lugar a novas e interessantes perspectivas interpretativas, demonstrando de maneira cada vez mais contundente o nível de “complexidade social” verificado dentre estes povos cerriteiros. Ainda, um recuo significativo nas datações radiocarbônicas foi alcançada através desta intensificação dos estudos sobre cerritos, remetendo o início de tais ocupações para algum momento entre 4 e 5 mil anos A.P., para os cerritos presentes no território uruguaio, indicando se tratar de uma história indígena de longa duração (Iriarte 2006; Bracco *et al.* 2008).

Contudo, não podemos deixar de salientar que, infelizmente, apesar dessa mudança paradigmática na linha teórica adotada pelas pesquisas realizadas do outro lado da fronteira, as caracterizações e atribuições da cerâmica Vieira não só permaneceram intocadas, como continuaram sendo reproduzidas. Entre os motivos para a manutenção do conceito de tradição Vieira na literatura especializada, interpretamos que a própria alteração focal do escopo de tais estudos, agora mais voltados a questões simbólicas e utilitárias dos cerritos em si, suas dinâmicas construtivas, seus usos funerários e/ou domésticos, sua monumentalidade e suas associações intersítio, além de sua inserção espacial e relação com o meio circundante, aparentemente acabaram relegando os estudos voltados às tecnologias cerâmicas. Soma-se a isso o fato de que se comparado aos cerritos da laguna dos Patos, os montículos localizados no território uruguaio apresentam baixa densidade de vestígios cerâmicos. Inúmeras são as obras e publicações cujas quantidades referenciadas de materiais cerâmicos exumados durante escavações em cerritos não ultrapassam algumas dezenas de fragmentos³. Logo, a baixa densidade de materiais cerâmicos e o foco sobre as dinâmicas construtivas dos cerritos e outros temas fizeram com

3 Por exemplo, as análises laboratoriais de Capdeponet *et al.* (2002) foram realizadas sobre 100 fragmentos cerâmicos exumados no sítio *Crâneo Marcado*, sem informações sobre as dimensões da área escavada, e os trabalhos de Giannotti *et al.* (2008) no sítio *Pago Lindo*, recuperaram 85 fragmentos cerâmicos, exumados durante a escavação de uma área de 16m × 08m.

que o conceito de tradição Vieira e a visão simplista e homogênea sobre a tecnologia cerâmica fossem reproduzidos, sendo bastante comuns afirmações desse tipo:

La cerámica documentada es de manufactura simple, mayoritariamente utilitaria, similar, desde el punto de vista tecnológico, a la cerámica recuperada en otros cerritos de la región (Gianotti et al. 2008: 182).

La cerámica recuperada[...]es una cerámica lisa, de factura simple, formas abiertas, cuyos rasgos tecnológicos son característicos de la cerámica conocida en la literatura brasileña como Viera (Gianotti e Bonomo 2013: 138).

La industria lítica y los restos de fauna recuperados en el Periodo Montículo Cerámico no muestran cambios significativos con respecto al periodo precedente. Más bien, la cerámica adoptada durante el Periodo Montículo Cerámico corresponde a los tipos generales definidos para la tradición Vieira (Iriarte 2007: 156).

Se recupero una ceramica sencilla, algunos tiestos con decoracion "punteada" y otros con decoraciones plasticas de tipo "escobado" y "corrugado", asociados en la literatura a la influencia guarani en la region (Lopez Mazz 2001: 240).

Atualmente, apesar do grande investimento uruguaio dedicado à investigação dos povos cerriteiros durante os últimos 30 anos, poucos foram os estudos realizados sobre estas ocupações que contemplassem de maneira significativa seus vestígios arqueológicos cerâmicos. Como tentamos demonstrar, apesar de todos os grandes e significativos avanços trazidos por novas abordagens teórico-metodológicas e por novas linhas de pesquisa, muito pouco foi realizado no que diz respeito às definições e caracterizações da cerâmica Vieira desde os primeiros trabalhos realizados sobre estes vestígios arqueológicos, iniciados acerca de 50 anos atrás. O que se verifica, em sua maioria, são trabalhos meramente descritivos que só corroboram e reproduzem a já estabelecida imagem depreciativa das cerâmicas da "tradição Vieira".

3 - O PONTAL DA BARRA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

O complexo de 18 cerritos localizado no banhado do Pontal da Barra vem sendo foco de pesquisas arqueológicas através do projeto *Arqueologia e História Indígena no Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim* (Milheira 2014a), em desenvolvimento pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL) com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Pontal da Barra corresponde a uma extensão da praia do Laranjal, localizada no litoral do município de Pelotas-RS. É um banhado localizado na Barra, à margem direita da laguna dos Patos e à mar-

gem esquerda do canal São Gonçalo, no entorno do bairro Valverde (figura 01). Configura-se como uma ponta de areias quartzosas em área composta por neossolo quartzarênico. A cobertura vegetal predominante no Pontal da Barra é composta basicamente por uma vegetação paludosa típica de banhados e matas em avançado grau de degradação.

Os cerritos do Pontal da Barra são bastante sutis na paisagem, não ultrapassando a altura de 1.2 m. Localizam-se sobre albardões naturais ou em terrenos planos, típicos dos banhados do bioma Pampa e encontram-se cobertos por mata. Até o momento, seis cerritos receberam intervenções arqueológicas (escavação de quadrículas em níveis artificiais de 5 cm e/ou retificação de perfis), que proporcionaram um quadro cronológico com 23 datações radiocarbônicas, as quais, calibradas, apontam para um processo de ocupação do Pontal da Barra pelos grupos construtores de cerritos entre aproximadamente 2.700 e 1.000 anos A.P. (Milheira 2014a).

Figura 01 - vista área do Pontal da Barra, onde se localizam os 18 cerritos que compõem o complexo arqueológico.



Fonte: Milheira (2015: 21).

As coleções cerâmicas exumadas e estudadas nessa pesquisa contemplam três dos 18 cerritos que compõem o complexo arqueológico do banhado do Pontal da Barra, Pelotas/RS: PSG-03, PSG-04 e PSG-07 (figura 02).

O cerrito PSG-03 sofreu tanto impacto pela extração de terra para comercialização por membros da comunidade local que a delimitação do sítio é muito imprecisa. Podemos apontar que o montículo apresenta um formato elíptico com aproximadamente 75 m no eixo norte-sul e 41 m eixo leste-oeste e 1 m de altura no seu topo. Foram retificados dois perfis já expostos pela extração de terra, o primeiro com 2.4 m de extensão por 1m de profundidade, localizado no topo do cerrito e o segundo com 2.3 m de extensão por 1 m de profundidade, localizado na meia encosta sul do mesmo. A coleção desse cerrito é composta por 132 fragmentos cerâmicos, 06 objetos líticos e 6,492 gr de arqueofauna. Uma amostra de otólito coletada entre 80 e 90 cm de profundidade (base do sítio) foi datada através do método AMS (espectrometria de massa com aceleradores) em 1490 ± 30 A.P. (protocolo BETA 389011).

O cerrito PSG-04 tem um formato elíptico com aproximadamente 35 m no eixo norte-sul e 25 m eixo leste-oeste e 1 m de altura, sendo que uma vala foi aberta no setor oeste do montículo, o que impossibilitou reconhecer precisamente suas dimensões. As intervenções no montículo também se limitaram à retificação em um perfil de 6.3m de extensão por 1m de profundidade, já exposto pela extração de terra realizada por membros da comunidade local. Com a retificação do perfil foi coletada uma coleção com 81 fragmentos de cerâmica, 02 materiais líticos, 01 osso humano e 673g de arqueofauna. O cerrito PSG-04 não tem datação radiocarbônica.

Figura 02: inserção espacial dos cerritos analisados até o momento.



Base: Google Earth (2015).

O cerrito PSG-07 tem um formato circular com aproximadamente 36 m no eixo norte-sul e 30 m no eixo leste-oeste e 1.15 m de altura no topo, onde foram escavadas três quadras de 1 m² formando uma trincheira. A coleção escavada é composta por 864 fragmentos de cerâmica, 47 materiais líticos, 04 ossos humanos e 30.750 g de arqueofauna. No cerrito PSG-07 foram realizadas 08 datações radio-carbônicas, cuja variação temporal ocorre entre 2340 ± 150 A.P. (LACUFF-13052) e 1214 ± 22 A.P. (LACUFF -140393).

No total, 839 fragmentos cerâmicos foram analisados até o momento: 132 fragmentos do cerrito PSG-03; 81 do cerrito PSG-04 e 626 do cerrito PSG-07. Os materiais oriundos dos dois primeiros cerritos foram analisados integralmente, enquanto que para as amostras do cerrito PSG-07, mais significativa, foram analisados apenas os fragmentos cujas dimensões ultrapassem 2 cm. Para a coleção do PSG-07 esse processo resultou na exclusão de cerca de 25% da amostra das etapas de análise (238 fragmentos). Essa diferenciação perceptível entre os valores totais exumados em cada cerrito, em grande parte, estaria relacionada à metodologia empregada durante as atividades de campo: os cerritos PSG-03 e PSG-04 forneceram evidências coletadas por atividades que se resumiram à retificações de perfil. No cerrito PSG-07, por sua vez, foram desenvolvidos trabalhos de escavação mais significativos – pautados pela abertura de uma trincheira de 3×1m escavada em níveis artificiais de 5 cm, até a base da camada arqueológica – resultando, também, na exumação de evidências arqueológicas em quantidade mais significativa.

4 - METODOLOGIA DE ANÁLISE

Foi realizado o levantamento de atributos e características tecnológicas e produtivas dos fragmentos, assim como de possíveis indícios de uso. Também foram feitos desenhos e projeções de forma de potes cerâmicos a partir das bordas identificadas na coleção, e posterior digitalização das mesmas, através do programa Coreldraw, com extrapolação das formas em três dimensões, lançando mão do programa Autodesk 3ds MAX.

As análises que vêm sendo realizadas têm como um dos principais objetivos a remontagem de vasilhas, contudo sem relegar o estudo dos fragmentos em si. Daí nossas atenções estarem igualmente divididas entre a busca de atributos físicos similares, nos fragmentos, que nos possibilitem identificar e associar cacos diferentes como de um mesmo pote/conjunto, como também fazer um levantamento o mais detalhado possível de todos os vestígios de produção, uso e pós-deposicionais presentes nas amostras. Desta maneira, buscamos a identificação do maior número possível de elementos tecnológicos envolvidos na cadeia operatória desta coleção

cerâmica, assim como de elementos tafonômicos e outros eventos pós-deposicionais.

A metodologia adotada para a análise e interpretação dos fragmentos foi elaborada tendo por base extensa bibliografia condizente (Schymz 1964; Bronitsky e Hamer 1986; Rice 1987; Schiffer e Skibo 1987; La Salvia e Brochado 1989; Orton *et al.* 1993; Alves 1994; Prous 1992, 2011; dentre outros) e, para tanto, lançamos mão de etapas de análise distintas pautadas pelo preenchimento de uma tabela descritiva e quantitativa, num primeiro momento, e de uma ficha textual e qualitativa.

Ao mesmo tempo em que buscamos realizar um estudo analítico das técnicas envolvidas na cadeia operatória desta tecnologia cerâmica, tentamos adotar um viés interpretativo que possibilite a descrição e o entendimento de seus processos de confecção e funcionalidade. Também procuramos evitar, ao máximo, comparações entre esta coleção cerâmica e coleções de outros povos ceramistas (como dos Guarani, por exemplo), a fim de compreender os traços tecnológicos singulares dessas coleções. Esse é um ponto importante, pois, claramente, as análises que determinaram a definição da tradição Vieira como a conhecemos foram embasadas em um “comparativismo” entre a tecnologia cerâmica dos grupos cerriteiros (caracterizada pela ausência de traços tecnológicos) e cerâmicas de outros grupos ceramistas. Estas comparações parecem, também, estar na origem das atribuições e caracterizações típicas e etnocêntricas de “simplicidade” e “complexidade” que, por sua vez, reafirmam às cerâmicas dos grupos produtores de cerritos sua condição “periférica” no cenário arqueológico brasileiro, e relegam seus estudos a segundo plano.

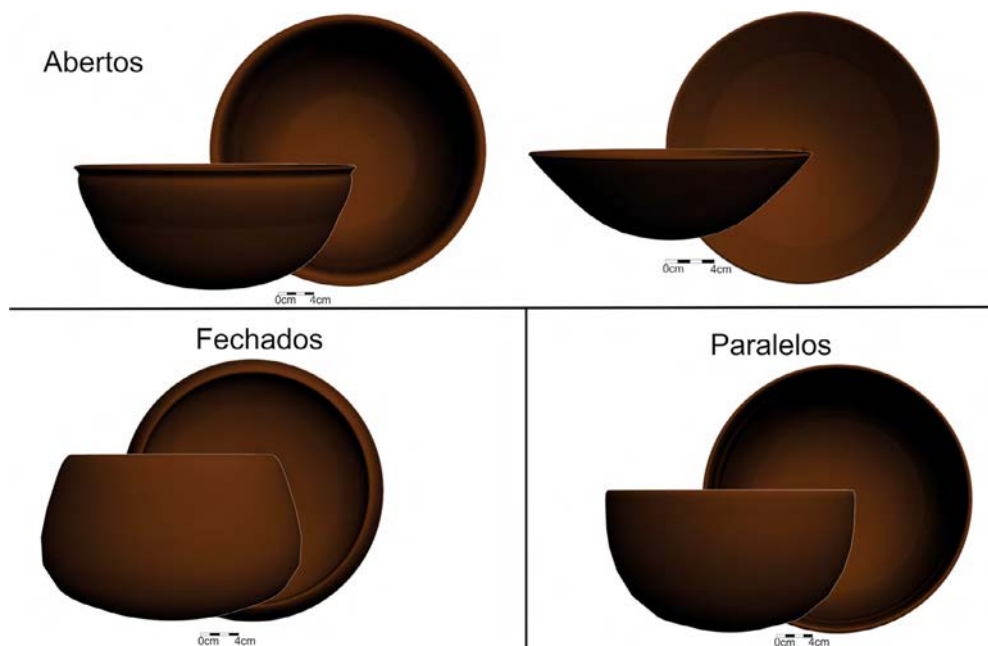
5 - ALGUNS ASPECTOS TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS

Durante os trabalhos de análise vem sendo constatado que, para o caso do Pontal da Barra, a questão da presumida “homogeneidade cerâmica” que caracterizaria a tradição Vieira não se aplica, pelo menos não sem algumas significativas ressalvas.

Quanto aos estudos voltados às projeções de formas dos vasilhames, apenas 28 fragmentos de bordas apresentaram os atributos necessários para a sua realização, isso em função do alto nível de fragmentação verificado nas amostras estudadas, algo comum para coleções oriundas de cerritos. Diante disso, adotamos como critério apenas a projeção de formas a partir de fragmentos ou conjuntos de fragmentos cuja representatividade fosse superior a 5% do diâmetro de abertura da boca da vasilha (figura 03).

Majoritariamente as projeções abarcam formas diretas, de diâmetro variando entre 22 a 36 cm. As maiores e mais frequentes formas verificadas foram as aber-

Figura 03 - Variabilidade morfológica identificada dentre as coleções do Pontal da Barra.



Elaboração: Bruno Ribeiro.

tas e paralelas, tipo bacias ou panelas, enquanto que formas tipo pratos ou tigelas abertas, de menor diâmetro, foram pouco recorrentes. Os potes fechados foram escassos, e em sua maioria poderiam ser descritos como vasilhas de paredes paralelas e bordas levemente infletidas em direção ao interior do pote. Ainda, foram estabelecidas associações ou remontagens de fragmentos que remetem a 06 vasilhas distintas, 05 delas oriundas da coleção PSG-07 e 01 da coleção PSG-03 (figura 04). Estes conjuntos foram estabelecidos através da remontagem ou associação de 04 ou mais fragmentos entendidos como de uma mesma vasilha, fosse através da remontagem direta dos cacos, fosse através da identificação de características físicas similares presentes nos fragmentos (como espessura, tipo de argila e antiplásticos, tratamentos de superfície, presença de motivos decorados ou estigmas de utilização e etc.).

Em contraposição à baixa variabilidade morfológica, esta indústria cerâmica envolvia significativa variabilidade de matérias-primas e técnicas de produção, principalmente no que diz respeito às técnicas associadas a etapas finais de confecção, como os tratamentos dedicados à superfície dos vasilhames. Apesar de não terem sido verificadas grandes surpresas no que diz respeito aos antiplásticos presentes nas argilas, preponderantemente associáveis a diferentes tipos de areia, de

Figura 04 - Conjuntos cerâmicos identificados e potes parcialmente remontados.



Elaboração: Bruno Ribeiro.

granulometria variável, possivelmente já presentes nos bancos e fontes de argila quando da captação das matérias-primas (grãos de quartzo em proporções e tamanhos variados, em alguns casos maiores de 5 mm, ocorrências de mica, feldspato e ocasionalmente de materiais orgânicos e ferruginosos), conseguimos diferenciar, em função das colorações, a presença de no mínimo cinco fontes ou tipos diferentes de argilas integrando a coleção (figura 05). A variabilidade das colorações identificadas foi, na verdade, muito maior, mas aqui se deve ter em mente que não apenas a variabilidade destas colorações, mas as próprias características físicas do pote podem sofrer influências não apenas de seus elementos constituintes⁴, mas também do grau de queima imposto sobre o pote quando de sua confecção, ou mesmo dos diferentes usos possíveis que podem ser feitos destas vasilhas (e.g. porções oxidadas

4 Antiplásticos minerais podem influenciar nas capacidades de retenção de calor, elementos ferruginosos e orgânicos podem interferir tanto na coloração como na resistência e peso final dos potes (Bronitsky e Hamer 1986; Schiffer e Skibo 1987; Prous 1992).

por utilização intensa). Assim, para uma definição com maior exatidão dos diferentes tipos de argila presentes nas coleções e se de fato cada uma delas é proveniente de uma fonte argilosa diferente, análises químicas específicas ainda são necessá-

Figura 05 - alguns tipos de argilas de colorações e queimas diferenciadas.



Elaboração: Bruno Ribeiro.

rias. Contudo, diante de tais resultados, parece factível que estas pessoas tivessem acesso a mais de uma fonte de argila para a confecção de seus potes.

Quanto às técnicas de confecção dos vasilhames estes foram, em sua maioria, confeccionados por roletes a partir de uma base modelada em forma de disco, sobre a qual seriam sobrepostos finos cordéis de argila que formariam todo o corpo do pote para, posteriormente, serem alisados, secos e queimados (La Salvia e Brochado 1989: 11). Isso não significa, contudo, que todo pote tenha uma base elaborada a partir de um disco modelado – algumas bases podem ser cordéis “enrolados” sobre uma superfície plana – apenas que a ocorrência de fragmentos modelados numa indústria cerâmica elaborada majoritariamente por técnicas de sobreposição de roletes são prováveis. Numericamente falando as ocorrências de cacos modelados foi inexpressiva, 40 fragmentos, entretanto foram sim verificados e caracterizados

como fragmentos de base ou bojo (bojo inferior).

Prosseguindo, no que diz respeito aos tratamentos de superfície, não menos que 10 tipos distintos de tratamentos foram identificados, desde alisamentos grossos, que não eliminaram completamente os estigmas de produção associados a etapas anteriores da cadeia operatória, a finos polimentos e alisamentos com estrias de instrumentos mais ou menos regularizados (figura 06). Inicialmente, poderíamos dividir os tratamentos de superfície identificados na coleção em 04 grandes grupos, em função de seu resultado estético final: polido, alisado fino, alisado médio e alisado grosso; com clara dedicação preferencial dos acabamentos mais finos às faces internas do pote.

Vale frisar, ainda, que tais atribuições qualitativas de tipo “fino” “médio” e “grosso”⁵, são inteiramente arbitrárias, definidas pelo observador com base nas características gerais das superfícies cerâmicas e podem variar de pesquisador para pesquisador. Entretanto, acreditamos que tal leitura, apesar de recorrente, seria extremamente deficiente para a caracterização da coleção em questão, e por isso optamos por tratar os acabamentos de superfície não apenas em função de seu resultado estético, mas também pelo sistema técnico envolvido em cada um destes processos de “tratamento final”, das peças.

Ao adotarmos essa ótica da heterogeneidade para a leitura dos tratamentos de superfície verificamos que emerge a variabilidade artefactual. Observamos mais de 10 tipos distintos de tratamentos, parecendo envolver diferentes instrumentos e distintas técnicas de confecção, combinados das mais variadas formas. Em alguns casos, inclusive, é possível especular sobre a utilização de determinados objetos, tanto em função dos estigmas deixados por eles quanto pelas técnicas empregadas.

Assim, conseguimos identificar desde os tradicionais alisamentos “grossos” a alisamentos “médios”, possivelmente feitos com as próprias mãos; alisamentos com estrias de instrumentos, tanto regulares quanto irregulares, estrias estas possivelmente relacionadas a uma série de instrumentos como palhas, madeiras e seixos angulosos; polimentos extremamente finos, em alguns casos com envolvimento aparente de instrumentos como seixos rolados; banhos de argila e/ou outros materiais pigmentantes – que envolveriam a elaboração de outra “pasta”, homogênea e diluída, em alguns casos extremamente fina, mas de espessura variável, a ser despejada sobre o pote deixando-o com uma fina camada de coloração e textura diferenciada em relação a superfície “original” da vasilha –, além, é claro, de possíveis

5 É importante destacar que a terminologia “fino”, “médio” e “grosso”, que foi atribuída aos diferentes tipos de alisamentos, traduz a dificuldade de se caracterizar as técnicas de maneira não pejorativa. É difícil encontrar uma linguagem não-comparativista que comunique as características dos atributos sem que caiamos em termos dicotômicos como “regular” x “irregular”, “bem-alisado” x “mal-alisado”, ou “fino” x “grosso”. Porém, nesse caso, optamos por definir essas categorias levando em consideração a textura, tato e a visualização das peças. Logo, os termos “fino” e “grosso” não remetem a diferentes padrões de sofisticação necessariamente.

Figura 06



Acima e à esquerda: alisado grosso em face externa de fragmento de borda, é possível ver estigmas deixados pelos dedos do artesão durante as etapas iniciais de formação da vasilha; acima e ao centro: face interna do mesmo fragmento com alisado “médio”; abaixo face interna de fragmentos com alisado com estrias irregulares e à direita, alisado fino com estrias extremamente regulares. Elaboração: Bruno Ribeiro.

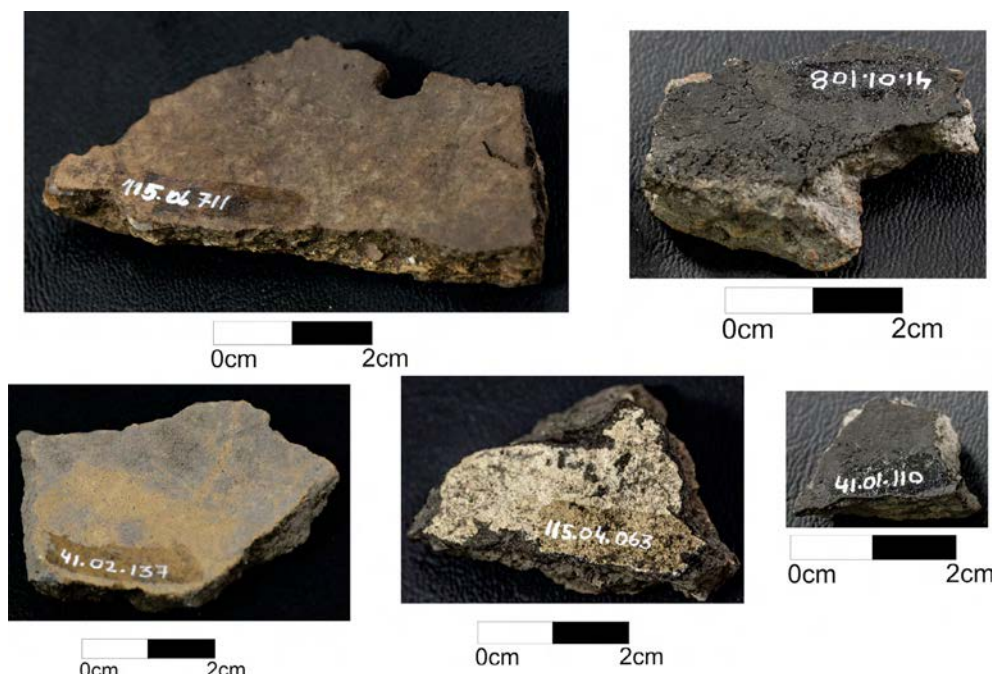
combinações entre estas técnicas e instrumentos (figura 07).

É sabido que os tratamentos dedicados a superfície dos vasilhames podem ter por função tanto uma melhor fixação dos roletes e consolidação da forma dos potes, quanto eliminar saliências, irregularidades e elementos “soltos”, como anti-plásticos, por exemplo (La Salvia e Brochado 1989: 25-33), principalmente aqueles presentes no interior da vasilha, que de outro modo poderiam acabar interferindo no preparo de alimentos, se desprendendo das paredes e se misturando durante o preparo. Daí não surpreende que a grande maioria dos tratamentos refinados tenham sido verificados no interior dos potes. Entretanto, algumas das técnicas empregadas nos tratamentos de superfície, ao que parece, ultrapassam esse limiar de caráter estritamente funcional associado ao processamento de alimentos, como seria o caso dos banhos, por exemplo.

Uma vez que o alisamento “tradicional” e dos mais comuns dentre os tratamentos verificados na coleção, provavelmente atenderia tais necessidades, começa-

mos a considerar a possibilidade de que estes acabamentos mais imbricados talvez estivessem mais relacionados a escolhas sócio-técnicas destes grupos. Principalmente se resgatamos as propostas interpretativas de Lagrou (2009) para quem é impossível, tratando-se do pensamento nativo, dissociar funcionalidade e estética, arte e instrumentalidade, uma vez que, segundo a autora inexistente “entre os povos indígenas, uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados” (Lagrou 2009: 14). Tal “reviravolta” nos levou a reinterpretar, inclusive, uma série de outros dados

Figura 7



Acima e à esquerda: face interna polida de fragmento com furo de suspensão; acima e à direita e abaixo e à direita: fragmentos com face interna banhada de negro; abaixo e ao centro: fragmento com face interna banhada de branco; abaixo e à esquerda: face interna de fragmento banhada de laranja⁶.

Elaboração: Bruno Ribeiro.

obtidos, principalmente aqueles relacionados aos vestígios de produção, como possíveis decorações.

6 Certos aspectos relacionados à homogeneidade, regularidade e uniformidade do material verificado sobre a superfície das peças, que, aliás, ocorre em outros fragmentos da coleção, impulsionou nossa análise em direção a um possível caráter intencional por trás de sua presença, o que nos levou a desconsiderá-los como estigmas de uso ou pós-deposicionais, e a interpretá-los como tratamento de superfície tipo banho.

A partir deste “desmembramento” de técnicas de acabamento verificadas quanto ao tratamento dedicado a superfície dos fragmentos que integram as amostras, começamos a rever nossas leituras e interpretações a respeito daqueles traços até então entendidos como vestígios de produção, e sua possível relação tanto com os tratamentos de superfície quanto com os motivos decorativos que vinham sendo identificados na coleção (figuras 08 e 09).

A premissa aqui partiu da suposição de que uma vez que as pessoas que confeccionaram estes vasilhames possuíam as técnicas e os conhecimentos necessários para a elaboração de vasilhas com acabamentos extremamente diferenciados e sofisticados, como as imagens evidenciam, sua opção por não fazê-lo deve, então, ser abordada exatamente assim, como uma escolha.

Tendo isso em mente, a questão sobre a presença de certas marcas de produção não eliminadas, como negativos de dedos, unhas ou instrumentos, não pode mais ser satisfatoriamente respondida através dos comuns argumentos relacionados à imperícia ou inaptidão dos artesãos(ãs), ou mesmo de um caráter expediente e utilitário destas cerâmicas (Schmitz 2011[1974]) e começa a caminhar em direção a ideias mais subjetivas, possivelmente relacionadas a escolhas intencionais de caráter social, e toda a gama de instituições nela encerradas.

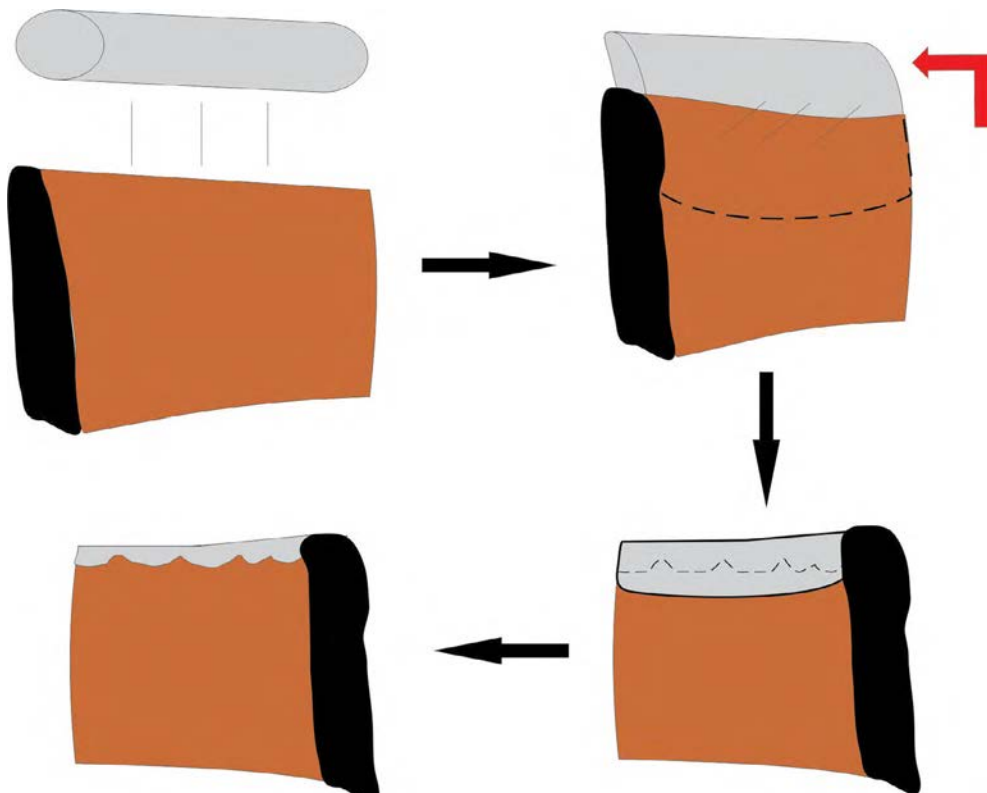
Assim, nossa concepção do que seriam os motivos decorativos presentes na coleção teve que ser revista e amplamente alargada. Se pensarmos apenas nos tradicionais padrões analíticos dos motivos decorativos (La Salvia e Brochado 1989), as ocorrências foram pouco significativas. Por exemplo, contemplam a coleção 27 peças apresentando “pintura branca” na face interna, e outras 28 peças que apresentaram motivos decorados plásticos na face externa, tipo espatulado ou digitado.

Contudo, quando começamos a pensar que alguns dos até então entendidos vestígios de produção poderiam, por sua não eliminação, se tratar de manifestações estéticas, percebemos ainda 23 peças que apresentaram, também na face externa, o que nomeamos – na falta de um termo melhor – de “corrugado-roletado”, algo similar ao tradicional corrugado, mas que aparentemente não objetiva a ocultação dos roletes, e tem aplicação realizada de maneira a acompanhá-lo. Esta decoração foi verificada majoritariamente na amostra PSG-07, mas com algumas ocorrências nas amostras PSG-03 e PSG-04. Impressões de dedos e unhas (51 ocorrências das primeiras e 20 das últimas) verificadas na coleção e até então entendidas como vestígios de produção, uma vez que não formavam um padrão muito claro de dispersão sobre a superfície dos fragmentos, também começaram a ser caracterizadas como possível decoração.

Mas o que chamou nossa atenção a partir deste momento, no “novo e expandido” campo das decorações plásticas, foi a recorrência de um tipo de decoração verificado na coleção do cerrito PSG-07, de aplicação restrita ao lábio dos vasilha-

mes, muito semelhante a um arremate produtivo, contudo de terminação similar a um “babado” ou “saia”. Aparentemente, após a aplicação de um rolete de reforço no lábio, provavelmente a partir da face interna da vasilha, uma porção sobressalente

Figura 08 - Esquema de confecção da decoração tipo “lábio modelado”.



Elaboração: Bruno Ribeiro.

Figura 09



Acima e à esquerda: fragmento de parede com borda digitada; abaixo e à esquerda, fragmento de bojo com face externa unguilada; abaixo e ao centro: face externa de fragmento de bojo espatulada; abaixo e à direita: fragmento de face externa com “corrugado-roletado”; acima e ao centro e à esquerda, fragmentos de borda com “lábio modelado”. Elaboração: Bruno Ribeiro.

seria modelada e “dobrada” para baixo, em direção a base do pote e ao longo de sua porção externa, para posteriormente ser modelado.

6 - CONCLUSÃO: PROBLEMATIZANDO A TRADIÇÃO VIEIRA

Nesta pesquisa objetivamos demonstrar que, mesmo que a primeira vista esta indústria cerâmica possa parecer “simples”, tal simplicidade se encontra no olhar do observador. Partindo de nossa premissa metodológica tentamos esclarecer que ausência de evidências não é o mesmo que evidência de ausência, como parece ter sido a base de racionalização em boa parte dos estudos anteriores realizados sobre coleções cerâmicas de coletivos construtores de cerritos. E também que se nos esforçarmos na adoção de critérios analíticos mais flexíveis, um dos principais esforços do trabalho que vem sendo desenvolvido, seremos capazes de interpretar e avaliar certos aspectos técnicos a partir de uma ótica distinta. Nem simples nem complexa, a cerâmica Vieira se revela, então, característica e original.

Vale ressaltar também que por trás da ideia de ceramistas simples e incapazes, reside uma perspectiva preconceituosa sobre as populações indígenas, compreen-

didadas como “marginais”, em um cenário de baixo desenvolvimento cultural. Nosso trabalho, além de desconstruir, portanto, a ideia de simplicidade e homogeneidade técnica, contribui para uma observação diferenciada destes grupos indígenas pré-coloniais, trazendo à tona elementos tecnológicos desconhecidos e enriquecendo a diversidade social dos estudos arqueológicos, antropológicos e historiográficos regionais.

Como tentamos demonstrar aqui, mesmo que superficialmente, nossa interpretação vai à contramão destes preconceitos e parte da noção de que estas pessoas possuíam as técnicas e os conhecimentos necessários para a elaboração de vasilhas com acabamentos extremamente diferenciados, evidenciando opções ou escolhas, mas nunca limitações técnicas. Como colocado por Baptista da Silva (2011:116-118), a cultura material de coletivos nativos atua de maneiras diversas no cotidiano de um grupo. Seguindo seu raciocínio, não somente utilitárias, as cerâmicas, caso aqui estudado, também seriam veículo comunicativo e identitário de um grupo étnico e cultural específico. Daí suas características e especificidades únicas.

Alguns pontos da tradicional definição das cerâmicas da tradição Vieira são realmente incontestáveis, principalmente no que diz respeito à baixa variabilidade morfológica dos vasilhames. Contudo, os apontamentos tecnológicos obtidos através das evidências observadas durante as análises, referentes principalmente a características das matérias-primas e técnicas de acabamento superficial dos potes nos levam a crer que, no caso das coleções cerâmicas do Pontal da Barra, acréscimos descritivos substanciais são necessários para uma melhor caracterização tecnológica dessa coleção, se partimos tanto da validade das caracterizações propostas para a tradição Vieira quanto de sua validade para a descrição do material por nós analisado.

As recorrentes associações e comparações entre as cerâmicas da tradição Vieira e as cerâmicas Guarani, por exemplo, e o suposto refinamento técnico da primeira após o contato com os produtores da última, também não se apresentam, no âmbito desta pesquisa, como válidas. Em hipótese alguma questionamos a possibilidade de contato entre os mais variados grupos pretéritos que ocuparam a região do pampa sul-americano, ao contrário, acreditamos que o contato tenha sido, de fato, uma realidade. O que buscamos problematizar aqui é que a pressuposição de um processo de aculturação, nos arriscamos a dizer, de “desintegração cultural” (Baptista da Silva 2008) como outrora vigente, parece ter influenciado diretamente sobre os resultados finais de análise, proporcionando um olhar viciado sobre as características intrínsecas aos vestígios arqueológicos. Mesmo que tratada como hipótese, as ideias de contato e difusão (neste caso, de *guaranização*) não podem ser adotadas como premissas ou elementos *a priori* da pesquisa arqueológica. Principalmente quando levamos em conta, por exemplo, a posição defendida

por alguns etnólogos contemporâneos a partir de suas pesquisas etnográficas, que afirmam exatamente o contrário: que em contextos de contato interétnico, também pode ocorrer um processo de exacerbação das identidades e desenvolvimento das manifestações gráficas:

“A mudança social não se dá, entretanto[...] como um processo que vai, mecanicamente, substituindo elementos da cultura original por outros da cultura dominante, de tal modo que a cultura original gradualmente se extinga ou fique completamente descaracterizada” (Novaes 1993:40).

“Este encontro de sociedades diferentes resulta no processo de formação de culturas de contraste e não de “desintegração cultural” [...] Assim, durante o contato entre sociedades, a cultura, enquanto capital simbólico, permite resistir à dominação e às imposições da sociedade envolvente. A partir dela, os elementos impostos são continuamente reinterpretados[...] o contato interétnico intenso pode resultar em estímulo ao desenvolvimento de manifestações gráficas por parte de sociedades indígenas, uma vez que “estes povos necessitam mais do que nunca da afirmação de sua identidade cultural” (Baptista da Silva 2008: 32).

Nossa problematização relacionada à ideia de desenvolvimento tecnológico via impulsos externos não se resume apenas a rechaços teóricos, como apresentado, às propostas de desintegração ou de absorção cultural durante um possível contato entre dois grupos distintos, mas se apoia também em dados empíricos por nós obtidos, que problematizam estas afirmações. As datações radiocarbônicas obtidas em níveis distintos do cerrito PSG-07, por exemplo, nos informam que o Pontal da Barra já teria sido abandonado quando da chegada e ocupação massiva da região pelos primeiros grupos Guarani, processo esse datado em torno de 600 anos A.P. (Milheira 2014b). Além disso, há ocorrência de fragmentos cerâmicos com decorações “corrugada” e digitada no nível 12 (55-60cm de profundidade) do mesmo cerrito PSG-07, cuja posição stratigráfica foi datada com carvão incrustado em fragmento cerâmico em 1662 ± 194 A.P. (LACUFF -140394) e por otólito de peixe em 1756 ± 28 A.P. (LACUFF -140395). As datações desse nível intermediário do cerrito colocam a ocorrência destas decorações, no Pontal da Barra, já em momentos concomitantes à datação mais antiga cientificamente aceita para sítios Guarani em todo o estado do Rio Grande do Sul, de 1.800 ± 100 A.P. (SI 2205), verificada no município de Agudo, na região central do estado (Bonomo *et al* 2015). Nesse caso, embora o horizonte cronológico do início da ocupação Guarani no Rio Grande do Sul seja concomitante à cronologia dos grupos construtores de cerritos, consideramos que a técnica de corrugado e digitado seja original dos grupos construtores de cerritos e não uma “imitação” a partir da técnica tão conhecida na cerâmica Guarani, interpretação essa recorrente na literatura especializada.

Tais constatações tornam ainda mais significativos outros aspectos tecnoló-

gicos que nos chamaram atenção, como a recorrência de superfícies “banhadas”, que envolveriam a inserção de mais uma etapa “complexificadora” nesta cadeia de produção de cerâmicas simples e homogêneas. O que nos parece contrastar, por sua vez, com a quase ausência de motivos e padrões decorativos, plásticos ou pintados, e nos levou a questionarmos sobre a possibilidade de tais “banhos” terem sido aplicados com intenções diferenciadas (por exemplo, apelo estético) e não apenas utilitários/produtivos. Principalmente quando pensados em associação a um claro exemplo, verificado ao longo das análises, de um aspecto produtivo que parece dotado de atributo estético, que nomeamos de “lábio modelado” e para o qual ainda não identificamos, na bibliografia de referência, nenhum paralelo.

O estudo das cerâmicas do complexo cerriteiro do Pontal da Barra tem indicado que, contrário aos dados publicados na literatura especializada, as populações cerriteiras dispunham de técnicas e habilidades necessárias para a elaboração de objetos com acabamentos considerados tradicionalmente como sofisticados e estilisticamente variados, e assim, sua escolha por não adotá-las como regra pode estar mais relacionada a aspectos sociais, cosmológicos ou ontológicos desses grupos que à inaptidão ou limitação técnica. Ainda, sugerimos que, se observados de uma perspectiva contextual e não humanocêntrica, não apenas os cerritos em si, mas as próprias cerâmicas cerriteiras, mais que simples parafernália doméstica utilitária, parecem ser, também, elementos ativos no cotidiano da imbricada rede de relações estabelecidas pelo coletivo, agentes fundamentais na transmissão, manutenção e mediação de identidades. Ainda mais, como discutido em Webmoor e Witmore (2008), para citar apenas um exemplo, poderíamos ir além e especular sobre o caráter indissociável da relação pessoa-coisa dentro do coletivo cerriteiro, que envolveria não apenas os materiais cerâmicos. Para tanto basta pensarmos que seria impossível a construção dos cerritos sem a utilização de cestos para o transporte de sedimentos, por exemplo (Ver Gianotti e Bonomo (2013) sobre a utilização de cestos na construção dos montículos)⁷.

Assim, ao conceber tecnologia como produto das variadas relações estabelecidas entre o coletivo cerriteiro, tornam-se inviáveis categorizações do tipo “simplicidade” ou “complexidade” tecnológica (que sempre marcaram as discussões sobre os grupos cerriteiros), e questões tecnológicas transformam-se em questões eminentemente *humanas*, o que por sua vez viabiliza o entendimento dos vestígios ma-

7 Embasamos nossa concepção de “tralha doméstica” como agente ativo em uma visão de tecnologia que ultrapassa o limiar da funcionalidade extrasomática de estímulo-resposta (Lemonnier 1993, Ingold 2000 e Descola 2002, por exemplo). Essa é uma noção muito cara à nossa pesquisa e merecedora de uma discussão e uma problematização bem mais aprofundada que o possível neste espaço, e sobre a qual desenvolveremos em trabalho posterior de maneira mais específica.

teriais deste coletivo como “testemunhos” de sua imbricada rede de significações, interações, relações e etc.

À guisa de conclusão, cabe enfatizar que as observações realizadas até o momento vêm revelando que, sim, o uso exacerbado é uma característica destas coleções, no entanto, a grande variabilidade de técnicas envolvidas nas cadeias operatórias e produtivas destas cerâmicas parecem testemunhar que a interpretação mais coerente destes potes “mal feitos”, não seria uma ausência de requinte por parte das pessoas que as produziram, mas, como dito, resultantes de escolhas (sejam elas tecnológicas, sociais, cosmológicas, ontológicas e etc.). As técnicas necessárias para a confecção de potes “mais bem acabados” eram dominadas por estes grupos, como atestado em diversos fragmentos da coleção, no entanto estas pessoas, aparentemente, *escolheram* também confeccionar potes sem lançar mão destas técnicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Marcia Angelina. 1994. Estudo técnico em cerâmica pré-histórica do Brasil. *In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.4: 39-70.
- BAPTISTA DA SILVA, Sérgio. 2008. Contato interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no RS. *In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida e XAVIER, Maria Luísa (Org.): Povos indígenas & educação*. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação: 29-43.
- BAPTISTA DA SILVA, Sérgio. 2011. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani. *In: PROUS, André e TANIA, Andrade Lima (Org.): Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, v. 3: 115-148.
- BONOMO, Mariano; POLITIS, Gustavo e GIANOTTI, Camila. 2011. Montículos, jerarquía social y horticultura en las sociedades indígenas del delta del Río Paraná (Argentina). *In: Latin American Antiquity*, v. 22, n.3: 297-333.
- BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo Costa; APOLINAIRE, Eduardo e NOELLI, Francisco Silva. 2015. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*. v. 356: 54-73.
- BRACCO, Roberto; CABRERA PÉREZ, Leonel e LOPEZ MAZZ, José. Maria. 2000. La prehistoria de las Tierras Bajas de la Cuenca de la Laguna Merín. *In: COIROLO, Alícia Duran e BRACCO, Roberto. (Eds.). Arqueología de las Tierras Bajas*. Ministerio de Educación y Cultura, Americana, Montevideo: 13-38.
- BRACCO, Roberto; DEL PUERTO, Laura e INDA, Hugo. 2008. Prehistoria y Arqueología de la Cuenca de Laguna Merín. *In: LOPONTE, D. & ACOSTA, A. (comp.). Entre la Tierra y el Agua. Arqueología de Humedales de Sudamérica*. Buenos Aires, AINA, 2008. pp. 1-60.
- BRONITSKY, Gordon e HAMER, Robert. 1986. Experiments in Ceramic Technology: The Effects of Various Tempering Materials on Impact and Thermal-Shock Resistance. *In: American Antiquity*, v. 51, n.1:89-101.
- CABRERA PÉREZ, Leonel. 2013. Construcciones en tierra y estructura social en el Sur del Brasil y Este de Uruguay (Ca. 4.000 a 300 a. A.P.). *Techné*, n.1: 25-33.
- CRIADO-BOADO, Felipe; GIANOTTI, Camila e BORRAZÁS, Patrícia. 2006. Before the barrows: forms of monumentality and forms complexity. *In: SMEJDA, Ladislav. (Ed.) Iberia and Uruguay. Archaeology of Burial Mounds*. Plzen: University of West Bohemia: 38-52.
- DESCOLA, Philippe. 2002. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. *In: Horizontes Antropológicos*, v. 8, n. 18: 93-112.
- GIANOTTI, Camila. 2000. Monumentalidad, ceremonialismo y continuidad ritual.

- In: GIANOTTI, Camila (Coord.). *Paisajes Culturales Sudamericanos*, TAPA 19. 1ª Ed. Laboratorio de Arqueología e Formas Culturais (USC), Santiago de Compostela: 87-102.
- GIANOTTI, Camila e BONOMO, Mariano. 2013. De Montículos A Paisajes: Procesos De Transformación Y Construcción De Paisajes En El Sur De La Cuenca Del Plata. In: *COMECHINGONIA, Revista de Arqueología*, v.17, n. 2:129-163.
- GIANOTTI, Camila; CRIADO-BOADO, Felipe e LOPEZ MAZZ, José. 2008. Arqueología del Paisaje: la construcción de cerritos en Uruguay. In: *Excavaciones en el exterior 2007. Informes y Trabajos*, N.1. Secretaría General Técnica. IPCE. Ministerio de Cultura. Madrid:177-185.
- GIANOTTI, Camila; DEL PUERTO, Laura; INDA, Hugo e CAPDEPONT, Irina. 2013. Construir para producir. Pequeñas elevaciones en tierra para el cultivo de maíz en el sitio Cañada de los Caponcitos, Tacuarembó (Uruguay). In: *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano - Series Especiales*, v. 1, n. 1: 12-25.
- INGOLD, Tim. 2000. Society, nature and the concept of technology. In: *Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. 1ªed. London/New York, Routledge: 312-322.
- IRIARTE, José. 2006. Transformation, Mounded Villages and Adopted Cultigens: The Rise of Early Formative Communities in South-Eastern Uruguay. In: *World Archaeology*. Debates in "World Archaeology" v. 38, n. 4: 644-663.
- IRIARTE, José. 2007. La construcción social y transformación de las comunidades del Periodo Formativo Temprano del sureste de Uruguay. In: *Boletín de Arqueología PUCP*, n.º 11: 143-166.
- IRIARTE, José; HOLST, Irene; LOPEZ MAZZ, José Maria e CABRERA PEREZ, Leonel. 2001. Subtropical Wetland Adaptations in Uruguay during the Mid-Holocene: An Archaeobotanical Perspective. In: PURDY, Barbara. (ed). *Enduring Records. The Environmental and Cultural Heritage of Wetlands*. Oxford: Oxbow Books: 61-70.
- LAGROU, Els. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. 1ª ed. Belo Horizonte: C/Arte, 128 p.
- LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proenza. 1989. *Cerâmica Guarani*. 2ª ed. Porto Alegre: Posenato & Cultura, 175 p.
- LEMONNIER, Pierre. 1993. Introdução. In: LEMMONIER, Pierre. (ed).: *Technological Choices: Transformation in material cultures since the neolithic*. 1ªed. London/New York, Routledge: 01-35.
- LOPEZ MAZZ, José Maria. 2001. Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral atlántico uruguayo. In: *Latin American Antiquity*, v. 12, n. 3: 231-255.
- LOPEZ MAZZ, José Maria e BRACCO, Diego. 2010. *Minuanos. Apuntes y notas*

- para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuan (Indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil)*. 1ª ed. Montevideo: Linardi y Risso, 342 p.
- MEGGERS, Betty e EVANS, Cliford. 1970. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual para Arqueólogos*. 1ª ed. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 222 p.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. 1977. *Manual de Introdução à Arqueologia*. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 63 p.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. 2014a. *Arqueologia e História indígena do pampa: estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim*. Relatório de projeto de pesquisa. Pelotas, 74 p.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. 2014b. *Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste*. 1ª ed. Pelotas: Editora da UFPel, 306 p.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. 2015. Entre o desenvolvimentismo e a preservação do patrimônio. O caso do Pontal da Barra, no sul do Brasil, Pelotas-RS. In: MUÑOZ, Jenny González. (Org.). *Ser de imagen y de Signo. Abordajes sobre el patrimonio cultural*. ULAC: Venezuela: 16-38.
- NAUE, Guilherme; SCHMITZ, Pedro e BASILE BECKER, Itala Irene. 1968. A cerâmica dos Aterros de Rio Grande, RS. In: *Ciência e Cultura*, v.20, n.02: 458-459.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 1993. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 272 p.
- PROUS, André. 1992. *Arqueologia Brasileira*. 1ª ed. Brasília: UnB, 605 p.
- RICE, Prudence. 1987. *Pottery analysis: a source book*. 1ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 559 p.
- SCHIFFER, Michael Brian e SKIBO, James. 1987. Theory and Experiment in the Study of Technological Change. In: *Current Anthropology*, v. 28, n. 5: 595-622.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1968. As grandes tradições de cerâmica indígena no Sul do Brasil. In: *Ciência e Cultura*, v.20, n.02:459.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. 2011[1976]. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Tese de Livre Docência. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; NAUE, Guilherme e BASILE BECKER, Itala Irene. 2006. Os aterros do sul: a tradição Vieira. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 5*. São Leopoldo: IAP: 101-124.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; NAUE, Guilherme e BASILE BECKER, Itala Irene. 1969. Prospecções arqueológicas no Vale do Camaquã, RS. In: *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*, São Paulo:

- Instituto de Pré-História, USP: 507- 524.
- STEWART, Julian Haynes. 1964. *Handbook of South American Indians*. Vol. 1. The Marginal Tribes. Washington, DC.: Smithsonian Institution – Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 624 p.
- VILLAGRAN, Ximena e GIANOTTI, Camila. 2013. Earthen mound formation in the Uruguayan lowlands (South America): micromorphological analyses of the Pago Lindo archaeological complex. *In: Journal of Archaeological Science*, n. 40: 1093-1107.
- WEBMOOR, Timothy e WITMORE, Christopher. 2008. Things are Us! A Commentary on Human/Things Relations under the Banner of a “Social” Archaeology. *In: NAR – Norwegian Archaeological Review*, v. 41, n.01: 53-70.